

# A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO ACAMPAMENTO CORAGEM E A DESTERRITORIALIZAÇÃO OCASIONADA PELA USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (MA)

## WOMEN'S REPRESENTATION IN THE ACAMPAMENTO CORAGEM AND THE DETERRITORIALIZATION OF THE USINA HIDRELÉTRICA DE ESTREITO (MA)

Laylson Mota Machado **1**  
Airtton Sieben **2**

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação feminina dentro de um território em disputa, tomando como ponto de partida a trajetória de vida de uma mulher, lavradora, pescadora e atingida pela Usina Hidrelétrica de Estreito (MA). A metodologia utilizada partiu do trabalho de campo, de caráter qualitativo, com uso da observação participante, assim como, aplicação de questionário não estruturado a representante do acampamento. Desde sua implantação muitos são os impactos causados pela barragem de Estreito, por meio disso as atingidas e atingidos reuniram-se em terras do Consórcio Estreito Energia (CESTE), para reivindicar seus direitos e lutar pelo território ocupado, a representação de mulheres que lideram esses acampamentos tem crescido ultimamente, como no caso do Acampamento Coragem. Nesse sentido, o papel da mulher na luta pela terra se faz presente neste contexto, ressaltando sua representação e destaque nos processos de conquista pelo território.

**Palavras-chave:** Mulher. Território. Representação. Atingidas. Acampamento Coragem.

**Abstract:** This paper aims to analyze the female representation within a disputed territory, taking as a starting point of the woman life's trajectory, farmer, fisherwoman and affected by the Estreito Hydroelectric Power Plant (MA). The methodology used was based on qualitative field work, using participant observation, as well as applying an unstructured questionnaire to the camp representative. Since its inception many impacts are caused by the Estreito dam, through which the affected have gathered in the Consórcio Estreito Energia (CESTE) lands, to claim their rights and to fight for the occupied territory, the representation of women who lead these Camps have grown lately, as in the case of the Acampamento Coragem. In this sense, the role of women in the struggle for land is present in this context, emphasizing their representation and prominence in the processes of conquest for the territory.

**Keywords:** Woman. Territory. Representation. Affected. Acampamento Coragem.

Mestrando em Estudos de Cultura e Território (PPGCuIT – UFT). **1**  
Cientista Social, com habilitação em Sociologia, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pesquisador do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Territórios Populares e suas Representações (LaTPOR – UFT). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).  
E-mail: laylson-mm@hotmail.com

Doutor e Pós-doutor em Geografia, pela Universidade Federal de **2**  
Uberlândia (UFU). Mestre em Geomática, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Geógrafo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).  
Professor Adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT - Câmpus de Araguaína) e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCuIT – UFT). Coordenador do Laboratório de Cartografia e Estudos em Território (LCET – UFT). E-mail: asieben@mail.uft.edu.br

## Introdução

As Usinas Hidrelétricas é um dos empreendimentos que tem mais crescido nos últimos anos em razão da produção de energia elétrica promovida pela força hidráulica dos rios. Com a implementação destes empreendimentos uma série de impactos e conflitos ocorrem, como o enfrentado pelos inúmeros atingidos pela Usina Hidrelétrica de Estreito.

O Acampamento Coragem reúne parte de um grupo de atingidos que estão em disputa pela terra. A ocupação deste território ocorreu em outubro de 2015 após uma série de reivindicações e manifestações acerca dos direitos negados pelo consórcio. Aproximadamente, quarenta famílias permanecem acampadas em um território de posse do Consórcio Estreito Energia (CESTE), localizado no município de Palmeiras do Tocantins. Posto isso, o lugar em que essas famílias vivem hoje, surge como uma forma de resistência e luta pelos modos de vida dos atingidos.

O CESTE é o responsável social e ambiental pela construção da usina, o consórcio trata-se de uma associação de empresas multinacionais que são as grandes empreendedoras e administradoras da usina composto pelas empresas Tractebel Energia; Vale; Alcoa e InterCement. Sendo a Tractebel, a acionista majoritária do empreendimento, passando no ano de 2016 a denominar-se Engie Brasil Energia, a maior empreendedora de energia privada do país (CARVALHO, 2018).

O enfoque deste artigo pretende abordar o papel da representação feminina de Dona Jacirene em vista do seu processo de liderança diante das tomadas de decisões na luta pelo território, como também o papel político e social desenvolvido pela mesma. A representação se dá pela presença significativa de uma mulher, negra, militante e pescadora que, junto aos demais, luta pela conquista do território. Desde outubro de 2015 este grupo acampa neste local, e, principalmente como uma forma de reivindicar direitos.

A proposta deste artigo irá partir de uma perspectiva interdisciplinar uma vez que constrói um diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, buscando romper com a hierarquia dos saberes. Os estudos interdisciplinares têm sido destaque nos debates acerca da construção de novas dimensões da produção do saber, seu intuito parte do pressuposto de não somente articular com os diversos ramos do conhecimento, mas construir novos espaços de investigações. (POMBO, 2006).

Nesse sentido, este trabalho propõe abordar diferentes correntes do saber para uma melhor fundamentação teórica. Para isso, desenvolvemos um diálogo entre a Geografia, História, Antropologia e Sociologia para a construção de uma proposta interdisciplinar de pesquisa. Sendo assim, “a pesquisa interdisciplinar somente torna-se possível onde várias disciplinas se reúnem a partir de um mesmo objeto [...]” (FAZENDA, 2008, p. 22).

A metodologia utilizada no presente artigo foi a pesquisa qualitativa em razão da sua relevância para área de estudo e por se tratar de um “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis” (MYNAIO, 1994, p. 21-22). Nesse sentido, observa-se que o método qualitativo existe para melhor compreensão e discussão sobre o tema em questão, visto que os fenômenos sociais não se quantificam. Além de a abordagem qualitativa se aprofundar melhor acerca das ações e relações humanas. Como técnicas de pesquisa utilizamos a História oral com ênfase nas entrevistas de narrativas de vida que,

[...] têm como centro de interesse o próprio indivíduo na história, incluindo sua trajetória desde a infância até o momento em que fala, passando pelos diversos acontecimentos e conjunturas que presenciou, vivenciou ou de que se inteirou (ALBERTI, 2005, p. 37-38).

Portanto, utilizo a História oral uma vez que busco compreender a trajetória de vida de Dona Jacirene, colhendo dos seus relatos os impactos sociais, culturais e econômicos

ocasionados pela usina.. Nesse sentido, também disponho de outra técnica de pesquisa, que se trata da observação participante a qual “[...] se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos” (MINAYO, 1994, p. 59). Desse modo, adentrei no acampamento para fazer observações do cotidiano e da vida dos acampados para que através disso eu realizasse uma pesquisa participativa e que melhor pudesse compreender sobre a realidade desses povos.

Para mais, foi necessário o uso do roteiro de entrevista com um questionário de perguntas abertas. A utilização desta técnica se dá pelo fato de que a mesma busca “[...] estruturar todos os pontos levantados durante a pesquisa, seguindo os objetivos do projeto” (ALBERTI, 2005, p. 83). O roteiro de entrevista é utilizado como instrumento da presente pesquisa dado o fato da sua importância para a realização deste trabalho. O uso do roteiro contribui para a sistematização dos dados levantados e a forma que o pesquisador irá articulá-los com os objetos e problemáticas apontadas na pesquisa.

Portanto, busco explicar a representação do papel da mulher no campo com enfoque no território em que se encontra o Acampamento Coragem a forma que tal representação perpassa por demais acampados, bem como de que forma a luta da mulher pela terra reforça a causa almejada há anos por todos os atingidos.

### **“Mulheres, água e energia não são mercadorias”**

De acordo com o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) dentre os atingidos pelas barragens, as mulheres são aquelas que mais possuem os seus direitos violados. Cabe ressaltar que tais fatores ainda são recorrentes no presente século devido à desigualdade de gênero, em vista de uma sociedade patriarcal. A cada quinze segundos uma mulher é assassinada no mundo, em sua maioria a violência ocorre dentro de suas próprias casas. Diante disso, destacam-se inúmeros direitos de mulheres que vem sendo violados em nossa sociedade (MAB, 2019).

Dentro desse contexto ainda se encontra o fator da divisão social, em que o trabalho feminino não é reconhecido ou valorizado, visto que historicamente o trabalho da mulher sempre foi considerado como um não-trabalho.

Um dos fatores de violação dos direitos das mulheres atingidas diz respeito diretamente ao não reconhecimento do trabalho. Por exemplo, no cálculo da indenização para os atingidos pela barragem de Itá (Santa Catarina, 1987), a força de trabalho de uma mulher adulta foi considerada como 80% da de um homem da mesma faixa etária. Para os idosos, enquanto a força de trabalho masculina foi reduzida à metade, a das mulheres caiu para 25% de um homem adulto (MAB NACIONAL, 2019).

Através disso, observa-se a disparidade entre as desigualdades presentes na divisão social do trabalho. Historicamente a mulher sempre esteve em luta pelo direito ao voto, trabalho e a salário digno e igualitário, entretanto, ainda é recorrente a divergência entre os salários de homens e mulheres. Muito já se tem alcançado em decorrência das conquistas do movimento feminista, no entanto, há muita luta a ser travada para que os direitos das mulheres sejam por fim efetivados e vistos em prática.

O MAB tem como palavra de ordem o lema de luta: “Água e energia não são mercadorias” trazendo significação com as relações ao meio ambiente e como a natureza é utilizada como mercadoria. Diante disso, o MAB atualmente tem entre seus lemas o reconhecimento da mulher como atingida, destacando que “Mulher, água e energia não são mercadoria”. Dessa forma, o movimento evidencia a luta e resistência das mulheres atingidas por barragens em diversos contextos do país. Através desse lema, destaca-se o

debate sobre a luta da mulher pela identidade de atingida e o enfrentamento acerca dos direitos violados. Ademais, a luta do MAB é pautada não só pelos direitos dos atingidos. Segundo Silva (2007):

Essa luta não foi construída apenas em torno das reconquistas dos seus bens materiais e imateriais, mas também engendrou o processo de formação da identidade de atingida por parte de mulheres, as quais, ao romperem com as mais diversas formas de opressão, se transformaram em personagens principais no conflito contra a construção destes projetos. Desse modo, ao se mobilizarem, protagonizaram, principalmente, o fortalecimento da sua identidade enquanto mulheres, num espaço marcadamente masculino (SILVA, 2007, p. 133).

Além da luta por seus direitos, outro elemento discutido recentemente pelo MAB e que tem ganhado intensidade é o debate sobre gênero e a violação dos direitos das mulheres atingidas por barragens. Embora essa luta por reconhecimento da mulher no MAB seja recente, pode-se dizer que a luta vai além da conquista por bens materiais. Isto é, a luta se estende ao processo de identidade das atingidas pelas barragens. Em 2011 foi realizado o primeiro Encontro das Mulheres Atingidas por Barragens, em que teve o público de 500 mulheres debatendo questões como violência entre outros assuntos que fomentavam o fortalecimento para uma luta de mulheres no MAB.

As mulheres são as mais impactadas por esses projetos de empreendimentos, Silva (2007) destaca que são elas as que mais sentem os impactos causados ao meio ambiente, também são as que mais se preocupam e que estão articuladas no movimento de conservação do mesmo. A autora enfatiza que “As mulheres teriam uma pré-disposição para proteger o ambiente, denunciando a lógica de exploração e dominação da natureza” (SILVA, 2007, p. 135).

No trabalho de Alexandra Silva (2007) a isenção e luta das mulheres contra as barragens é posta em três aspectos: enquanto provedora da força de trabalho, da família e como participante ativa do movimento. Nesse contexto, a representação da mulher acampada se situa, intrinsecamente, nos pressupostos destacados pela autora. No Acampamento Coragem, na busca pela conquista desse território, vemos a luta pela terra expressa na força de trabalho das mulheres, sua atuação dentro do convívio familiar, além da participação ativa junto ao MAB. Tais processos destacam os papéis femininos e reforçam as ações das mulheres contra as barragens. Por meio disso, a luta pelo reconhecimento de mulher atingida e a forma com que o movimento tem buscado combater as violações dos direitos humanos enfrentados por essas mulheres destaca os diferentes contextos vivenciados e enfrentados por essas que buscam de diversas formas se fixar socialmente.

### **A Formação política no Acampamento**

As principais demandas do MAB são as lutas por direitos e as resistências que se dão ao fato de suas reivindicações para obter conquistas. Com isso, podemos situar a relação que esse movimento social demonstra ter com a educação. Sendo assim, Gohn afirma que:

A relação movimento social e educação existe a partir das ações práticas de movimentos e grupos sociais. Ocorre de duas formas: na interação dos movimentos em contato com as instituições educacionais, e no interior do próprio movimento social, dando o carácter educativo de suas ações (GOHN, 2011, p. 339).

O caráter educativo abordado no movimento social, no caso do MAB, é compreendido através das demandas em que o movimento desenvolve na luta pela terra e na busca por indenização. Logo, são aspectos educativos ocasionados nas próprias ações do movimento ocorrendo muitas vezes em razão das famílias atingidas que nem sequer sabem sobre os seus direitos.

Nesse sentido, entendemos que o processo educativo do movimento social também ocorre pelo fato da formação política. Entre os atingidos e atingidas do Acampamento Coragem, agregar-se enquanto militantes do MAB ocorre justamente desse processo educativo que acontece dentro do próprio movimento. A partir das caminhadas e acampamentos ocorridos no processo de implantação da Usina Hidrelétrica de Estreito que muitos dos atingidos protestaram contra a construção da barragem, registrando, dessa forma, a militância e a entrada de muitos no movimento.

Através disso, destaco a formação que ocorre dentro do Acampamento Coragem pondo em ênfase as demandas e tomadas de decisões de Dona Jacirene, mulher e líder do acampamento. A liderança no Acampamento foi escolhida de forma coletiva entre os moradores. No início da ocupação cada um buscou se organizar em seu espaço e como destacado por muitos deles, “cada um por si e Deus por todos”. Após adentrarem no acampamento decidiram se reunir mensalmente a fim de debater sobre questões que os envolviam como um todo, isto é, organização, divisão dos lotes, o processo de produção e os processos judiciais que enfrentariam para a conquista da terra. Nestas reuniões decidiram que quem iria representar os moradores seria Dona Jacirene, já em razão da sua militância no movimento.

Por meio dos relatos, pude observar a importância e reconhecimento que os moradores dão ao MAB. Todos destacaram seu importante papel na luta pelos seus direitos, tendo alguns deles enfatizado que se não fosse a ajuda do movimento eles não estariam naquele território. Benincá (2011) complementa que:

[...] o Movimento surge a partir de um argumento social, dado que as pessoas se encontram diante de uma ameaça iminente de perderem suas terras, suas benfeitorias e seu ambiente de vida pela construção de hidrelétricas. [...] o MAB se constitui também em um instrumento político – com embasamento ideológico – e um espaço de formulação de propostas alternativas acerca da questão energética e do modelo de desenvolvimento da sociedade (BENINCÁ, 2011, p. 118).

Olhando para a luta do movimento, que, junto dos moradores do acampamento enfrentam as audiências na luta pela permanência nas terras, podemos concluir que o MAB demonstra representatividade e força, de forma que por suas ações que muitos dos atingidos agora reconhecem seu papel político e social.

Em todas as reuniões, encontros e eventos que são promovidos pelo MAB, Dona Jacirene participa e leva junto consigo alguns dos moradores, quando possível. Durante as reuniões, ela destaca as principais ações desenvolvidas pelo MAB. Existem outros acampamentos que sofrem na justiça com as ameaças do CESTE, ameaças essas consistidas em retirá-los do território ocupado. Ademais, o movimento tem lutado pelo assentamento de todos estes acampamentos, como o caso do Coragem. Diante disso, pude perceber a importância do movimento dentro do acampamento. Todos os pescadores/as e ribeirinhos/as aumentam suas expectativas acerca do ganho da terra por conta da participação do MAB nesta luta.

Haesbaert (2009) destaca que com o advento da globalização “[...] os territórios (geográficos, sociológicos, afetivos...) estão sendo destruídos, juntamente com as identidades culturais (que seriam também territoriais)” (HAESBAERT, 2009, p 129). Nesse sentido, a identidade das populações atingidas por barragens tem sofrido com esse processo

de perda da identidade cultural. A destruição desses territórios, conforme apontada pelo autor, pode ser relacionada com a construção das Usinas Hidrelétricas que desde seus primórdios tem agredido não só o meio ambiente, mas também as práticas sociais e políticas. Pode-se dizer que com o fim destes territórios a desterritorialização é o processo aos quais essas comunidades têm enfrentado com o advento da implementação das barragens.

Por meio disso, destaca-se como a UHE de Estreito acaba privando os atingidos de seus modos de vida, costumes, como também, a sua ligação com os recursos naturais. Segundo Raffestin (1993) “A terra sempre foi um trunfo mais ou menos disputado, conforme o lugar e o momento” (RAFFESTIN, 1993, p. 230). Através da desterritorialização ocasionada com a perda do antigo território e em decorrência do fato de buscar se reterritorializar, a luta dos acampados em fixar novas territorialidades ocorre justamente através da disputa pela terra e, conforme destacado pelo autor, essa disputa é ocasionada por uma série de conflitos.

Os impactos socioespaciais sofridos pelos moradores do Acampamento Coragem se relacionam com a formação política que todos ali tiveram durante a instalação da barragem, uma vez que esses acontecimentos influenciaram na permanência de luta pelo território. Necessário destacar novamente o processo de formação política dos atingidos enquanto militantes do MAB, uma vez que a militância e a conscientização acerca de seus direitos surgem a partir das relações sociais e políticas que se estabeleceu através da formação deste Acampamento.

A militância de Dona Jacirene no movimento teve início quando os pescadores acamparam em frente à barragem, pois ajudou no cadastro de todos os pescadores/as, piscicultores/as e ribeirinhos/as no movimento. Segundo os relatos da líder foi o movimento que lhe deu forças para ir ao acampamento, pois através do apoio e de sua participação que decidiu desenvolver o papel de representante.

## A Trajetória de vida de uma pescadora

A trajetória de vida de Dona Jacirene é marcada pela relação afetiva com seus pais que também eram ribeirinhos e pescadores. Natural da cidade de Porto Franco – MA, migra para o Estreito ainda em sua infância, por volta da década de 1983. Com quinze anos se casa com um pescador, largando os estudos e se dedicando à profissão da pesca e da vazante. A pesca e a vazante são suas principais atividades de subsistência, pois a sua manutenção de vida era a partir: “Da pesca e do que plantava na beira do rio”. (Jacirene, 47 anos, 03/03/2019).

Antes da barragem os pescadores e as pescadoras acampavam na beira do rio,

[...] todo pescador tinha o direito de fazer o barraquinho pra acampar na beira do rio né, e ali onde a gente fazia o barraco a gente tinha a vazante, na época não chamava roça, era vazante. E ai a gente plantava e tinha o direito de colher, ai depois que chegou aquela “imundiça” ali daquela tal de barragem, ai foi acabando o nosso sossego, acabou! Praticamente acabou, porque, primeiro que eles fizeram foi tomar o nosso porto lá aonde a gente deixava os barcos. E a gente tinha o direito de ir e vir a qualquer hora do dia ou da noite né. E ai começou ter os carros pra carregar a gente que hoje vem direto pra cooperativa, que é a Cooperatins. Ai a gente vem de carro e pega o barco da gente pra ir pro rio pescar. E a luta é essa. Hoje estamos aqui no Acampamento Coragem, não sei até que dia, porque tá nessa bagunça toda tirando todo mundo né, tirando o sossego mais ainda. Quando a gente pensa que tá sossegado eles vem e quê tirar a gente de onde a gente tá trabalhando também, colhendo feijão e as coisinha que a gente planta.

Eu queria que eles deixasse a gente aqui né, mas é difícil, eu acho difícil. Porque ninguém nunca ganha uma causa deles. Nós têm causa do direito do pescador também, que acho que hoje tá mais pouco, o peixe ainda dentro do lago é porque eles mataram muito peixe, toneladas e toneladas de peixe que eu também tinha prova disso, que eu cheguei a vê muitas vezes filmagens que o pessoal passava pra mim. Ai nem isso eles nunca pararam, porque também eles podiam parar a pesca pra gente passar pelo menos uns cinco anos sem pescar pra vê se aumentava o peixe no lago, só promessa isso ai, eles dizem que vai fazer mas até hoje (JACIRENE, 47 anos, 03/03/2019).

A relação de Dona Jacirene com o rio é marcada historicamente pela profissão seguida pelo pai, a pesca é sua principal atividade de subsistência. De acordo com seu relato, os impactos sofridos com a construção da barragem relacionam-se especificamente a sua relação com o rio e a terra, destacando os impactos socioespaciais que esses grandes empreendimentos tem ocasionado nessas comunidades.

Nesse contexto, destaca-se o papel desterritorializador que as barragens causam na vida destas pessoas, como o caso dos moradores do Acampamento Coragem e de Dona Jacirene. Segundo Saquet (2007):

O território e a territorialidade são produtos do entrelaçamento entre os sujeitos de cada lugar, destes com o ambiente e com indivíduos de outros lugares, efetivando tramas transescalares em diferentes níveis territoriais. O território é uma construção coletiva e multidimensional, com múltiplas territorialidades (poderes, comportamentos, ações) (SAQUET, 2007, p. 118).

Dentre o número de moradores do acampamento, cabe ressaltar que a pesca e a vazante eram e são suas atividades profissionais. Dessa forma, a relação com a beira do rio é marcada por afetos e significados, dado que fazem parte de sua trajetória de vida, bem como são reconhecidos culturalmente como parte de suas vivências. O território segundo Haesbaert (2007) “[...] define-se antes de tudo com referência às relações sociais (ou culturais, em sentido amplo) e ao contexto histórico em que está inserido” (p. 78). Esta relação está ligada intrinsecamente à natureza, haja vista que a terra e o rio são os meios de subsistências dos/as ribeirinhos/as.

Através disso, a trajetória de vida de Dona Jacirene perpassa por esses impactos mencionados acima, como também, pela sua relação com o território que hoje ocupa. Cabe ressaltar que o lugar é o fator recorrente em seus relatos e conversas obtidas durante a construção desta pesquisa. O território que hoje ocupa está marcado por relações que trazem a sua memória, como a de todos os que ali vivem, o lugar de onde foram deslocados.

A trajetória de vida de dona Jacirene é marcada por deslocamentos territoriais. Conforme a representante, a vinda da barragem impulsionou o descolamento de seu antigo ponto de pesca. Após a implantação da barragem a mesma destaca para onde foi:

[...] a gente ficou no Estreito, voltou pro Estreito e ai ficou pescando, fazendo barraco e (...). Eles querem que a gente viva pescando com barraca de campo né. Tipo só acampar e tirar as coisas, sair fora do local. Acho que até um fogo se a gente ascender e eles passar perto, porque com certeza a gente tem que ascender um fogo pra fazer a comida pra comer né. Porque a gente vai pescar a gente passa dois, três dias no lago pescando, não têm peixe, ai a gente tem que ir pra um

lugar, passa uma noite num lugar e sai no outro dia, vai pra outro lugar. Mas ai volta pra aquele acampamento entendeu? (JACIRENE, 47 anos, 03/03/2019).

Segundo seus relatos, a importância em estar acampado é algo cultural da vivência de quem é pescador. Diferente de como os empreendedores pensam, que o pescador só vai no rio, pesca e retorna para seus lares, a trajetória de vida na pesca se dá, na verdade, em noites andando pelo rio em busca do peixe. Por esse motivo é que o acampamento à beira do rio é utilizado como ponto de moradia, para que enquanto a rede está no rio, o/a pescador/a possa levar o peixe para seu barracão, fazer suas alimentações e durante esse intervalo plantar em suas roças, já que com o advento das barragens não é mais possível realizar a atividade de vazante.

Segundo Hall (2006) o indivíduo não está vinculado apenas a uma única e estável identidade visto que ela se fragmenta, passando este a compor múltiplas identidades. Em razão de seus constantes descolamentos territoriais, o que impacta compulsoriamente a identidade cultural dos acampados como afirma Hall (2006) é a existência das “[...] identidades contrárias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (p.13). A história da pescadora está marcada por esses deslocamentos, inicialmente em sua infância quando sai com sua família da cidade natal e fixa moradia na cidade de Estreito. E, recentemente ao ser deslocada de seu local de pesca com a vinda da barragem de Estreito, ocupando agora um território em disputa que enfrenta o risco de receber a reintegração de posse. Sendo assim, esses deslocamentos acabam fragmentando a identidade do indivíduo.

Nesse sentido, destaco como a vida de uma pescadora tem sido marcada por esses deslocamentos e impactos causados pela UHE de Estreito. Cabe ressaltar que o pescador não era reconhecido legalmente como atingido pelos empreendedores, só no ano de 2008, após muitas lutas e reivindicações junto com o MAB, que o pescador passou a ser reconhecido como atingido (ROCHA, 2016).

Entretanto, as lutas continuam para que esse direito seja efetivamente promulgado. Dentre as reivindicações dos/as pescadores/as destaca-se a indenização acerca da mortandade de peixes durante a construção da usina, que até hoje corre em segredo de justiça sem ter indenizado nenhum dos pescadores da Colônia Z37, da cidade de Estreito, contrariando o direito à pesca e à moradia. Para além, o lugar do pescador é a beira do rio, mas por ocorrência do alagamento desses lugares muitos se encontram desterritorializados e buscam através destas ocupações continuar a manter os seus modos de vida, apesar dos inúmeros impactos sofridos.

Sobretudo, a trajetória de vida de Dona Jacirene põe em destaque as divergências entre os modelos de desenvolvimento que é pautado pelo Estado com a promoção da construção das Usinas Hidrelétricas. O modelo energético brasileiro pauta-se do discurso desenvolvimentista. Na ótica capitalista a implantação das barragens irá promover o desenvolvimento da economia nacional, entretanto, este desenvolvimento não abarca as populações tradicionais, como o caso de Dona Jacirene, que desde sua implantação sofre com os efeitos que a barragem causou a sua vida. Através desses acontecimentos, cabe problematizar que tipo de desenvolvimento e para quem o mesmo é promovido.

## A Representação Feminina no Acampamento Coragem

O conceito de representação é destaque na obra de Stuart Hall (2016) *Cultura e Representação*, em que o autor menciona que a “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas” (HALL, 2016, p. 31). Logo, podemos compreender que a representação de Dona Jacirene se expressa através de seus discursos e que esses são perpassados para os acampados. Nesta obra Hall (2016) destaca diferentes enfoques acerca da representação, trazendo a contribuição de autores da linguística, semiótica, assim como, a concepção de Foucault sobre o que é representação. O autor aponta que:



Foucault usou a palavra “representação” em um sentido mais restrito do que nós estávamos usando aqui, mas considera-se que ele tenha contribuído para uma nova e significativa abordagem para os problemas da representação. O que o preocupava era a produção do conhecimento (em vez de apenas o sentido). Seu projeto, disse ele, era analisar “como seres humanos se entendem em nossa cultura” e como nosso conhecimento sobre “o social, o indivíduo a ele incorporado e os sentidos compartilhados” vem a ser produzidos em diferentes períodos (HALL, 2016, p. 78).

A concepção foucaultiana sobre representação é pautada no discurso partindo do pressuposto linguísticos onde o discurso se relaciona a trechos conectados, escritos ou falados. Entretanto, Foucault elevou a um sentido diferente do proposto pelos linguistas, o seu interesse se dava acerca das práticas que eram reproduzidas através do discurso bem como era regulado em diferentes contextos históricos (HALL, 2016). Stuart Hall complementa que:

O discurso, argumenta Foucault, constrói o assunto. Ele define e produz os objetos do nosso conhecimento, governa a forma com que o assunto pode ser significativamente falado e debatido, e também influencia como ideias são postas em práticas e usadas para regular a conduta dos outros (HALL, 2016, p. 80).

Nesse sentido, a representação feminina no acampamento tem seus poderes por meio do discurso uma vez que através dos debates e discussões reproduzidos para os acampados, discorre o fato de que eles precisam trabalhar, se organizar, se unir e produzir, tendo em vista de que a produção significa a permanência na terra. Ademais, observamos que “[...] o poder não é apenas negativo, reprimindo o que objetiva controlar. Ele também é produtivo” (HALL, 2016, p. 90).

Em relação aos discursos reproduzidos pela representante, na luta pela terra, o poder nesse caso se dá de forma produtiva na conscientização sobre a forma com que os atingidos devem lutar pela terra, visto que parte de uma ação coletiva na conquista pelo território e não numa concepção dominante sobre o poder.

O Acampamento Coragem se destaca por ser um grupo de ribeirinhos/as e pescadores/as – tendo aproximadamente quarenta famílias residindo no acampamento - que são associados à colônia de pescadores da cidade de Estreito, em que ao serem desterritorializados do local que viviam passaram a ocupar as terras do CESTE que se encontra a beira do lago da UHE (localizado no município de Palmeiras do Tocantins) como forma de luta pela reivindicação de seus direitos.

Dentro desse território encontramos a representação feminina na luta pela terra ocupada, destacando especificamente o papel desempenhado por Dona Jacirene, que desde sua ocupação é a representante do acampamento. Seu processo de representação ocorreu da seguinte forma:

Primeiro que eu já acompanhava o pessoal do movimento né, do MAB. Antes que eu trabalhei uns tempos lá na colônia, o presidente era o Seu Luís Moura, aí ele já conhecia o pessoal do movimento e nós fomos tendo conhecimento e o pessoal me botaram de frente que a gente tá aqui, abaixo de Deus é o MAB. Nós confia muito em Deus e em segundo lugar no pessoal do movimento. Aí o pessoal me colocaram de frente e até agora tem uns que acha ruim, mas a maioria acho que acha bom (JACIRENE, 47 anos, 03/03/2019).

A sua militância ocorreu justamente nos primórdios da instalação da UHE de Estreito quando trabalhava fazendo os cadastros dos atingidos e, através das reivindicações do movimento passou a fazer parte da luta pelo direito dos atingidos, tornando-se militante naquela época. A sua participação dentro do movimento foi um dos fatores preponderantes para que os acampados a escolhessem como representante, em razão do diálogo obtido junto com o MAB e das articulações que o movimento tem feito para a conquista da terra.

A luta pela terra tem sido um dos fatores recorrentes diante de cada usina que se instala no país. No contexto da região atingida pela barragem de Estreito são encontrados sete acampamentos que enfrentam a disputa pelo território ocupado, como o caso do Acampamento Coragem. A desterritorialização é um dos impactos ocasionados pela construção de barragens que mais impacta as comunidades ribeirinhas. Haesbaert (2003) destaca esse processo como:

[...] vinculada ao desenraizamento e ao enfraquecimento das identidades territoriais. Aqui, o território pode adquirir uma conotação culturalista e, muitas vezes, pode se confundir com o conceito de lugar visto basicamente como estratégia de identificação cultural, referência simbólica que, sob a desterritorialização, perde sentido e se transforma em um “não-lugar” (HAESBAERT, 2003, p. 17).

Segundo o autor, tal processo é constituído pela perda de território e de identidade cultural, dado que a migração de um indivíduo de um lugar para outro acarreta numa série de fatores conflituosos que impacta em sua vivência e reinserção em um novo território.

Conforme Sieben (2012) “[...] a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território constituindo uma operação de linha de fuga e a reterritorialização é o movimento de construção do território” (p. 103). Recentemente os moradores do Acampamento Coragem passaram por esse processo de reterritorialização ao estarem ocupando um novo território para continuar a retiradado seu sustento, a partir do que a terra e o rio produzem. Tal processo se destaca pela forma que os pescadores/as buscaram melhorar suas vidas. Uma vez já desterritorializados, a reterritorialização surge como forma de se adequar a uma nova realidade.

Entre os relatos obtidos durante esta pesquisa, a perda do lugar e os impactos ocasionados pela UHE de Estreito são marcantes na história de vida da liderança do acampamento. A beira do rio é o seu lugar de subsistência e por decorrência disso a migração é fator preponderante em sua trajetória de vida.

Nós acampamos perto da barragem lá do Estreito ai eles não deixaram a gente passar nem oito dias lá. E ai tiraram nós de lá, ai voltamos, ficamos uns tempo no Estreito só pescando mesmo, saindo e voltando logo pro Estreito. Ai quando nós passamos por aqui nesse local do Acampamento Coragem ai viemos, porque estava desocupado ai nós juntamos uma turma e viemos pra cá, a família. Ai estamos com, vai completar três anos aqui, e ai agora tão querendo tirar nois daqui (JACIRENE, 47 anos, 03/03/2019).

Em decorrência do surgimento do lago da UHE que inundou várias áreas em 2011, a migração para outros pontos de apoio foi fator permanente na sua forma de buscar reestabelecer suas vivências conforme apontado por Jacirene. Diante dessas lutas e da sua representação que, até hoje, os acampados se mantêm firmes na disputa pelo território que ocupam. Através disso, destacamos a militância e a formação política que o movimento tem promovido a eles, e, principalmente a representante, que milita há mais de

oito anos e através da liderança constrói apoio entre os seus e a perseverança na luta pela terra, mesmo com as inúmeras ameaças e o anseio em receber a reintegração de posses.

Dentre os acampamentos já mencionados outros já receberam e foram retirados de seus territórios. No dia em que fiz a entrevista percebi a aflição em muitos dos moradores após a leitura de um ofício enviado pelo CESTE, em que informa negativa a respeito da negociação sobre a terra. Ao saberem que outro acampamento recebeu a reintegração de posse muita tristeza e medo se viu nos olhares dos acampados. Em conversa, Dona Jacirene destacou que não aguentaria ver tudo sendo derrubado, que já estava cansada de ter seu sossego sendo atrapalhado pelo povo do CESTE. Entretanto, quando perguntei sobre suas perspectivas futuras a mesma foi enfática: “Meu futuro eu quero uma terra pra trabalhar, mais do que já trabalho. E que tenha uma garantia né. Sou uma mulher lutadora e quero continuar sempre lutando, pescando e trabalhando, em nome de Jesus nós vamos conseguir” (JACIRENE, 47 anos, 03/03/2019).

Através disso, observamos que a representação feminina dentro do Acampamento Coragem de fato é marcada por lutas e trajetórias de uma mulher, negra, pescadora, militante e feminista que junto dos demais atingidos busca melhorias de vida.

### **Considerações Finais**

A análise da narrativa de Dona Jacirene e o acompanhamento da sua luta frente às demandas enfrentadas pelo Acampamento proporcionaram uma série de reflexões acerca de como as comunidades têm respondido aos efeitos da construção das Usinas Hidrelétricas. E, principalmente, qual o lugar da mulher nessa disputa. A representação feminina presente no Acampamento Coragem traz ao debate as formas de violação vivenciada por mulheres, e especialmente aquelas que incidem nesse contexto social. Tidas de maneira inferior, especialmente, quando passam a ocupar lugares de destaque, como o de liderança pela luta do território.

Diante disso, o presente artigo buscou enunciar o papel de liderança de uma atingida por barragem ante às ameaças advindas dos empreendedores. Como também, expor de que maneira a representação da figura feminina de Dona Jacirene tem sido vista de forma positiva por aqueles que juntamente a ela buscam a conquista da terra. Por fim, destaco o movimento social como fator formativo, tanto educacional como político, como ocorreu entre os acampados que tiveram o conhecimento sobre os seus direitos e ao adentrarem no movimento passaram a lutar politicamente por eles.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho não teria sido realizado sem o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que através da bolsa de demanda social, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território, fomentou e tem propiciado a continuação da pesquisa que contribuiu para realização deste artigo e que tem contribuído para a pesquisa de Mestrado. Os agradecimentos também se devem a Universidade Federal do Tocantins e ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCULT, por propiciar condições para a elaboração desta pesquisa.

### **Referências**

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2005.

BENINCÁ, Dirceu. **Energia & cidadania: a luta dos atingidos por barragens**. São Paulo: Cortez, 2011.

CARVALHO, Graziane de Araújo Pitombeira. **Da Ilha de São José ao Reassentamento Cole-**

**tivo Baixão:** alterações nos modos de vida após a implantação da UHE/Estreito (MA), em 2012. 2018. 175f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território) – Universidade Federal do Tocantins, UFT: Araguaína, 2018.

FAZENDA, Ivani (Org). **O que é interdisciplinaridade?**. São Paulo: Cortez, 2008.

GOHN, Maria Glória. 2011. Movimentos Sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16, n. 47: 333-361.

HAESBAERT, Rogério. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 29: 11–24, 2003.

\_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização:** do fim dos territórios a multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. **Territórios alternativos.** São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós- modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

MYNAIO, Cecília de Souza (Org.) et al. **Pesquisa Social:** teoria , método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

POMBO Olga. Práticas Interdisciplinares. **Sociologias**, Rio Grande do Sul:Porto Alegre, Ano 08, nº 15, jan/jun 2006, pp. 208-249.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, Judite da. **Usina Hidrelétrica de Estreito e desterritorialização: impactos sobre a saúde e resistência das famílias atingidas.** 2016. 124f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2016.

SIEBEN, AIRTON. **Estado e Política Energética: a desterritorialização da comunidade rural de Palmatuba em Babaçulândia (TO) pela Usina Hidrelétrica Estreito.** 2012. 203f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, UFF, Uberlândia, 2012.

SILVA, Alexandra Martins. **Mulheres em movimento: luta e resistência contra barragens.** 2007. 228f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, FEUC, Coimbra, 2007.

MAB NACIONAL. **O modelo energético brasileiro e a violação dos direitos das mulheres.** Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/artigo/mulheres-atingidas> Acesso em: 22/05/2019.

Recebido em 25 de junho de 2019.

Aceito em 4 de setembro de 2019.